

Observações de Charles Melman na live *Transferências culturais*

Estou admirado com o fato de que essas excelentes introduções que tivemos o benefício de ouvir parecem permanecer, a meu gosto, mornas tendo em vista o caráter inflamado dos problemas que tentamos tratar. A língua materna, lhes proporei rapidamente a seguinte definição, mas que acredito seja sensível para cada um, é a língua na qual somos recebidos, acolhidos, festejados, beijados, celebrados, identificados, sem ter que fornecer nada. O que, devo dizer, é certamente uma vantagem séria e ainda mais se sou exposto a migrar, vou me encontrar em um domínio onde a língua à qual estarei exposto, que serei convidado de algum modo a partilhar, manifesto aí meus erros, minhas aproximações, minha insuficiência, minha ignorância, minha incompetência, em suma, tudo o que justifica o fato de que sou rejeitado, o fato de que testemunho que não faço parte desse grupo, que não sou bom, e que qualquer que seja a vontade dos que me acolhem, manifesto em todo caso que estou presente como um intruso.

Por isso estou exposto a tentar fazer-me ser reconhecido – e sabemos que o desejo de reconhecimento é o que é ... domina o registo dos desejos que nos possuem – antes de mais nada nos fazermos reconhecer, como aliás, por que não, essa noite, entre nós, bem, o desejo de me fazer reconhecer passa pelo fato de trabalhar, de fornecer certo trabalho que compreenderá entre outros o da apropriação dessa língua própria aos domínios em que me encontro introduzido. Mesmo que eu possa mostrar uma memória de minha origem, para usar este termo que é discutido com bastante razão pela cantilação, isto é, meu sotaque e que permanecerá o testemunho, em geral bem acolhido, pois testemunhando justamente da potência da assimilação da língua nova que agora partilho e que, diria, graças ao trabalho que fornecerei a título não de mestre, pois não tenho nessa língua nenhum direito à manifestação das minhas demandas nem dos meus desejos, só tenho de algum modo o convite a me validar pela qualidade do meu trabalho, de que faz parte entre outros a apropriação da língua que é preciso chamar pelo seu nome, isto é, a língua do mestre. É uma situação que me parece de uma grande banalidade e conhecida desde... ativa em todo caso, certamente desde a Antiguidade.

É, parece-me, a partir desse ponto que intervém um problema ético maior, ou seja, da duplicidade à qual, sem procurá-lo, sem tê-lo querido, encontro-me exposto, isto é, ao sentimento de trair o que é de minha origem justamente, e dessa língua materna que me acolheu dessa forma, e de modo a concretizar a traição que é o preço de minha eventual aceitação pelo discurso do mestre. É, diria... me permitiria, para os que isso interessa, observar que a psicanálise, enquanto é Freud que

teve o talento para colocá-la de pé, é feita por alguém que estava diretamente exposto a esses problemas e que seu modo de relação com a figura paterna não cessa, de algum modo, de falar desse problema cuja resolução encontra-se, para ele em todo caso, nesse artigo sobre um transtorno da memória na Acrópole, dito isso de passagem, mas para ressaltar que é uma questão, a que estamos tratando, que já foi amplamente verificada, claro, analisada, estamos apenas seguindo.

O problema hoje que complica uma situação que não é necessariamente complexa, cujos mecanismos e meios, diria, são bem claros, bem evidentes, o que o complica hoje é obviamente o problema político, na medida em que é, por razões que conhecemos e que certamente não me cabe desenvolver agora, razões políticas que fazem com que a origem dos migrantes introduza uma experiência, uma relação com uma história nacional que acontece estar de forma relativamente recente em conflito com a do país que até recentemente os dominava. E que, diria, essa cultura mestra que aguardam, que esperam, que almejam, da qual têm necessidade no país de acolhimento, encontra-se ela mesma hoje em perigo pelo fato, diria, não só da globalização, mas da constituição da Europa. E que, por isso, nos seus países de acolhimento, suas relações com o sentimento nacional, com o caráter mestre desse sentimento nacional está, como sabemos, a evolucionar, criticar, em dificuldade e claro, suscita os movimentos políticos que conhecemos e que me levam muito rapidamente a concluir meu ponto sobre um problema que acho, para dizer a verdade, surpreendente que não seja imediatamente sensível para cada um: é que a metade da humanidade – a metade! – está em um estado de migração inevitável, permanente e, diria, perfeitamente resolvida, embora possa deixar, diria, resíduos conflituosos. Metade da humanidade, quer dizer que as leis das trocas de mulheres fazem com que elas deixem o domínio paterno, o domínio de origem. Aquele onde o modo que não é excepcional e que é em todo caso o mais desejável, sua vinda ao mundo pudesse ser justamente na língua materna beijocada, celebrada, amada, festejada, abençoada, etc..., elas encontram-se levadas a deixar, pelas razões que sabemos, esse domínio de origem, para tentarem – tentarem – ser reconhecidas na família de acolhimento. Diria, em condições que certamente exigirão seu trabalho, sua colocação a serviço, diria, do mestre que desse modo, gostem ou não, venham a se opor ou não, mas em todo caso, que foram levadas a identificar, ainda que não o reconheçam, e de fazer que a sua própria produção, a que é a mais cara, isto é, a dos filhos, ora bem, que elas sejam de algum modo privadas pelo fato de que eles se inscreverão em uma linhagem, em uma genealogia que não é a delas e que não é a do pai delas.

Saliento, portanto, que, antes de mais nada, a questão da migração merece ser destacada do páthos, em que facilmente, evidentemente, somos susceptíveis de a sustentar, envolver, que é uma

condição que é totalmente normal a nossa humanidade, que é certamente surpreendente que essas determinações sociais, quando se trata das migrações, diria, de outro tipo, como as que são problemáticas para nós hoje, não tenham encontrado, graças ao saber coletivo sobre essa questão, respostas, soluções, intervenções que evitassem a passagem ao caráter paranóico recíproco. Ou seja, ao conflito de culturas em que se arriscará a evolução que conhecemos.

Então, parece-me que o interesse do trabalho que esboçamos com Nazir Hamad, que conhece certamente muito bem os problemas, coloca de modo imediato o problema da imigração, me alegro de o ver na nossa assembleia, vejo na tela alguém que não via há 50 anos, Jacques Nassif, que não é menos que Nazir Hamad muito sensível ao que pode ser a imigração, incluída a dificuldade da pertença, diria, coletiva quando se está em um país onde o comunitarismo é a regra, é a lei, e pode tão facilmente balançar para a guerra entre comunidades.

Então, me permitiria dizer que, a meu ver, se nossos livros não contribuem, diria, para o que é a simplicidade do que há para ser tratado aqui, de que saliento – será minha última observação – que a solução é praticada, evoquei há pouco, desde a Antiguidade: os romanos. Os romanos sabiam tratar perfeitamente os estrangeiros que vinham, diria, constituir, trabalhar para eles e constituir a riqueza deles, eles conheciam muito bem a classe dos libertos. Acredito que teria sido no ano 242 – perdão se me engano – depois de Cristo, que o Imperador Caracalla, bom, diria, naturalizou todos os estrangeiros, todos os imigrantes e os integrou desse modo a Roma. Não sei se somos realmente pessoas de progresso. Pois não acho que sejamos, diria, face à prova, tão mais hábeis, mais engenhosos, e para utilizar uma palavra que mesmo assim nos vem à boca, que sejamos mais humanistas do que os romanos da época.

Eis então apressadamente algumas observações que queria pôr na mesa.

Diria, não se trata de Levi-Strauss, trata-se simplesmente dessa regra universal que não esperou Levi-Strauss para funcionar e que faz com que uma mulher seja conduzida a renunciar a essa lei paterna que a acolheu, que a celebrou, que a alimentou, que a educou, que a amou, que lhe deu uma língua, que lhe permitiu ser reconhecida, ser amada, ela deverá deixar, diria, essa mão paterna para aceitar ir servir um pai estrangeiro. É um modo, diria, um resumo do que constitui para uma mulher essas leis a que deve se submeter, e quer ela aceite ou não – isso não tem nenhuma importância – mas se retemos a apresentação que proponho, vemos logo como isso é prototípico do problema que se coloca para o imigrante padrão. E de tal modo, para completá-lo, que no seu país de acolhimento, isso já foi escrito, por alguém cujo nome vai me vir, que é um judeu argelino – como

ele se chamava? –, para sublinhar, diria, o estado de feminização no qual pode se sentir o imigrado na medida em que ocupa um lugar no seu país de acolhimento, o que ele tem, enquanto estrangeiro nesse país, que trabalhar, produzir, para se fazer reconhecer, para se fazer admitir, para se fazer amar, e que portanto sem tê-lo procurado, ele se encontra em uma posição que é, diria, estritamente homogênea com a posição feminina, e lhe causa inevitavelmente um mal estar persecutório eventualmente no caso, e que ele não sabe tratar bem esse mal estar do qual ele pode procurar se defender.

Mas se é preciso, para responder à sua questão, acrescentar uma observação, gostaria de dizer isto: é que justamente a mulher na sua família de acolhimento, e como sabemos, está completamente em condições de conservar para ela a sua identidade de origem, seus amores de origem, suas ligações de origem, ela pode querer que seus filhos se inscrevam na linhagem da qual ela vem, o que é uma fonte banal de conflito entre o casal, e que portanto não fiquemos surpresos que o imigrante, diria, tenda a reações que podem ser do mesmo tipo e que o expõem de modo, diria, doloroso a ser sistematicamente o traidor seja do um, o da origem, seja do outro, isto é, o da família de acolhimento. Espero que tenha sido um pouco mais claro.

[Em relação ao título do livro *Psicologia da imigração*] É uma escolha exclusivamente oportunista, é com a ideia totalmente bem estabelecida de que a psicanálise corre o risco de receber pouco acolhimento ou interesse coletivo hoje e que sem dúvida valeria mais – embora o saber tanto meu quanto do Nazir venha evidentemente da experiência analítica –, que valeria mais evocar uma fisiologia, como fazemos aliás, que não se refere explicitamente ao inconsciente mas que relate o que poderíamos chamar os movimentos naturais da alma de modo que cada um possa compreender. Portanto, por favor, não vejam nisso nada além de uma pseudo habilidade editorial.

Dito isto, vocês têm ao lado de vocês, na nossa tela, uma colega brasileira e que nos escuta do Brasil, Juliana, Juliana Castro, e que é portanto, diria, representante de um país quase que exclusivamente composto de imigrantes, pois os índios guaranis nativos dessa terra foram, claro, maltratados pelos conquistadores, e que é então um país de imigrados que conseguiu constituir essa terra rica tanto por sua extensão quanto por sua população e que reúne uma língua única. Então, os bravos jesuítas que acompanhavam os conquistadores queriam justamente que esse país tivesse uma língua original, justamente aquela que eles compilavam dos índios, isto é, o guarani, mas o trono lusitano lhes trouxe rapidamente à razão para fazer com que fosse a língua portuguesa que fosse então, ou seja, a língua do mestre que se tornasse a língua dos habitantes dessa terra, salvo que é

uma língua inteiramente retrabalhada, enriquecida, tratada pela assimilação das diversas línguas tanto indígenas – mas em particular o guarani – quanto das diversas línguas africanas – esquecidas claro por aqueles que foram trazidos nos navios – mas uma língua que é assim o português original, notavelmente enriquecido pelos vocábulos que vêm então das línguas indígenas locais e das línguas africanas, e o conjunto conseguiu criar um forte sentimento nacional brasileiro dessa comunidade tão diversa.

E devo dizer, permito-me fazer essa observação ao meu amigo Nazir, que a política de afrancesamento que é própria à história do nosso país é uma política que de saída não impediu de modo algum que o francês fosse infiltrado, ele também, por muitas línguas, por muitas palavras vindas de países vizinhos, mas que, por outro lado, um país só é governável com a condição, evidentemente, que seus cidadãos se identifiquem graças a uma língua única, não é uma questão de capricho ou arbitrária, é uma questão de funcionamento. Há um único país na Europa que escapa a essa regra: é a Suíça, é um país federal, não vou desenvolver esse ponto que não tem interesse excessivo.

Mas em todo caso, já que ao longo do caminho levantou-se a questão do gozo que uma língua pode proporcionar, o primeiro gozo, todos nós o conhecemos: é o gozo narcísico. Quero dizer que... e é um ponto que Lacan salientou perfeitamente, só se é mestre da língua que se fala, não se é mestre nem de objetos nem de parceiros: o único domínio, o único registro de que se pode não só ser o mestre, mas se fazer reconhecer como um mestre é evidentemente a língua que se fala. E, portanto, a identidade, para retomar esse termo que foi felizmente tratado há pouco por essa interveniente da qual vejo apenas as iniciais de sua instituição e, portanto, não sei o nome, peço perdão de não ter reconhecido seu nome... Então, eis aí, o gozo da língua é evidentemente de poder me fazer reconhecer como um mestre e portanto, eu diria, habilitado a poder fazer, validar, tornar válidos meus desejos e sobretudo, enfim, minhas demandas, e sobretudo certamente meus desejos.

Bom, creio que esse ponto é fácil de ser verificado por cada um, além do fato, se se devesse acrescentar uma observação sobre o bilinguismo: é que de certo modo somos todos bilíngues. Como assim? Sim. Pois temos dois modos de nos expressarmos, que na mesma língua são perfeitamente diferentes, temos o falar formal ou a norma culta, que é por exemplo aquele que eu tento quando falo com vocês, e depois há o coloquial, que é um falar, eu diria incrível, tanto do ponto de vista sintático quanto do ponto de vista lexical, é um francês totalmente abominável, e de que podemos nos perguntar qual é o prazer que podemos ter na intimidade de nos expressarmos em uma espécie de idioma tão estúpido e tão confuso. Mas temos todos uma certa forma de bilinguismo e que lembra

que não falamos a cada vez do mesmo lugar e que tampouco temos os mesmos interlocutores, não temos os mesmos endereçamentos, etc. ... Portanto, há um francês rígido e um francês “de chinelos”, não é o mais bonito evidentemente.

Caro Jacques Nassif, esse país chauvinista é, de fato, também o país que produziu a mais bela literatura que pode existir no mundo. Portanto, se esse é o preço a pagar pelo efetivamente... o que justamente você individualiza, o chauvinismo, estou pronto, embora não tenha tido como você, diria, a faculdade de frequentar a Escola Normal, bem eu diria que, no entanto, esse preço pago por ter sabido fundar a mais bela literatura do mundo, bem, afinal eu concordo com o que é de fato essa mágoa do chauvinismo que é próprio à França.

Dito isso, uma última observação: a Alemanha constituiu-se em torno de um texto que é de fato uma tradução da Bíblia, a de Lutero. É Lutero que fez por meio desse texto a unidade da nação alemã. E, diria, ao mesmo tempo, poderia talvez ter involuntariamente... levado a pensar que haveria algo sagrado nesse povo. Dito isto, como vocês veem, não sei se o termo chauvinismo pode ser aplicado, diria, aos nossos amigos alemães, mas, no entanto, talvez aceitemos observar que o modo como para eles se constituiu a unidade de sua língua não foi sem consequências – pesadas – sobre o que é o seu sentimento de pertença nacional em seu prazer narcísico. Portanto, talvez para amenizar um pouco nossa própria culpa, a observação de que talvez não sejamos os únicos pecadores que existem nesta superfície.

Tradução: Juliana Castro